

**O DESEJO POR BRANCURA PELO NEGRO NA OBRA PELE NEGRA,
MÁSCARAS BRANCAS DE FRANTZ FANON**

**THE DESIRE FOR WHITENESS BY BLACK PEOPLE IN THE WORK BLACK
SKIN, WHITE MASKS BY FRANTZ FANON**

**EL DESEO DE BLANCURA POR PARTE DE LOS NEGROS EN LA OBRA PIEL
NEGRO, MÁSCARAS BLANCAS DE FRANTZ FANON**

**LE DÉSIR DE BLANCHEUR CHEZ LES NOIRS DANS L'ŒUVRE PEAU NOIRE,
MASQUES BLANCS DE FRANTZ FANON**

Ana Carolina Vale de Sousa

Mestranda em Estudos Africanos e Afro-brasileiros, Universidade Federal do Maranhão (UFMA),
Maranhão, Brasil.

carolinavalesousa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4334-3199>

Recebido em: 10/03/2025

Aceito para publicação: 22/09/2025

Resumo

Pele Negra, Máscaras Brancas (1952), inicialmente rejeitado pela academia, foi publicado pela primeira vez no ano de 1952. Nele, o psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon, analisa o impacto do racismo na subjetividade e *psiquê* das pessoas negras. Nesta resenha, objetiva-se analisar os principais pontos dos capítulos: *Introdução, O negro e a linguagem, A mulher de cor e o branco e O homem de cor e a branca*. Os capítulos possuem um ponto em comum: a análise sobre o negro moderno e suas atitudes para inserir-se e ser aceito no mundo dos brancos, com enfoque na experiência vivida pelos negros martinicanos. Para que a aceitação ocorra, Fanon discorre sobre as estratégias adotadas pelos negros - *as máscaras brancas*, percebidas no campo da linguagem e dos relacionamentos afetivo-sexuais, para sentir-se pertencentes à civilização branca e dignos de humanidade.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Colonização; Subjetividade; Alienação; *Pele Negra, Máscaras Brancas*.

Abstract

Black Skin, White Masks (1952), initially rejected by academia, was first published in 1952. In it, Martinican psychiatrist and philosopher Frantz Fanon analyzes the impact of racism on the subjectivity and psyche of black people. This review aims to analyze the main points of the chapters: *Introduction; Black People and Language; Black Women and White Men; and Black Men and White Women*. The chapters have one thing in common: the analysis of modern black people and their attitudes toward integrating and being accepted into the white world, with a focus on the experiences of black Martinicans. For acceptance to occur, Fanon discusses the strategies adopted by black people—white masks, perceived in the field of language and affective-sexual relationships—to feel that they belong to white civilization and are worthy of humanity.

Keywords: Frantz Fanon; Colonization; Subjectivity; Alienation; *Black Skin, White Masks*.

Resumen

Piel negra, máscaras blancas (1952), inicialmente rechazado por la academia, se publicó por primera vez en el año 1952. En él, el psiquiatra y filósofo martinicano Frantz Fanon analiza el impacto del racismo en la subjetividad y la psique de las personas negras. En esta reseña, se pretende analizar los puntos principales de los capítulos: Introducción; El negro y el lenguaje; La mujer de color y el blanco y El hombre de color y la blanca. Los capítulos tienen un punto en común: el análisis del negro moderno y sus actitudes para integrarse y ser aceptado en el mundo de los blancos, con especial atención a la experiencia vivida por los negros martinicanos. Para que se produzca la aceptación, Fanon analiza las estrategias adoptadas por los negros —las máscaras blancas, percibidas en el ámbito del lenguaje y las relaciones afectivo-sexuales— para sentirse parte de la civilización blanca y dignos de humanidad.

Palabras clave: Frantz Fanon; Colonización; Subjetividad; Alienación; Piel negra, máscaras blancas.

Résumé

Peau noire, masques blancs (1952), initialement rejeté par le monde universitaire, a été publié pour la première fois en 1952. Dans cet ouvrage, le psychiatre et philosophe martiniquais Frantz Fanon analyse l'impact du racisme sur la subjectivité et la psyché des personnes noires. Cette critique a pour objectif d'analyser les principaux points des chapitres suivants : Introduction ; Le Noir et le langage ; La femme de couleur et le Blanc ; L'homme de couleur et la Blanche. Ces chapitres ont un point commun : l'analyse du Noir moderne et de ses attitudes pour s'intégrer et être accepté dans le monde des Blancs, en mettant l'accent sur l'expérience vécue par les Noirs martiniquais. Pour que l'acceptation ait lieu, Fanon discute des stratégies adoptées par les Noirs - les masques blancs, perçus dans le domaine du langage et des relations affectives et sexuelles, pour se sentir appartenir à la civilisation blanche et être dignes d'humanité.

Mots-clés: Frantz Fanon ; Colonisation ; Subjectivité ; Aliénation; Peau noire, masques blancs.

Introdução

Frantz Omar Fanon, nasceu em 20 de Julho de 1925, na ilha caribenha da Martinica. Após atingir certa idade, muda-se para a França onde se formou em Filosofia e Medicina com especialização em Psiquiatria. Teve contato com o Marxismo, o Existencialismo e a elite intelectual de esquerda daquele país. Posteriormente, muda-se para Argélia, onde coordena o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville, hoje renomeado como Hospital Frantz Fanon (Fanon, 2008).

Fanon também era um revolucionário. Foi membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia que combatia as forças coloniais com o objetivo de obter a independência do país que, até então, era colônia francesa, fato que o fez entrar na lista dos cidadãos mais procurados pela polícia em todo o território francês. Por ter lutado junto às forças de resistência na África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, também foi condecorado duas vezes por bravura. Fanon morreu jovem com 36 anos, de pneumonia enquanto buscava tratamento para sua leucemia, no dia 6 de Dezembro de 1961, nos Estados Unidos (Fanon, 2008).

Inicialmente, as obras de Fanon não foram bem recebidas no meio acadêmico. Houve décadas que se algum professor universitário norte-americano ousasse abordar seu pensamento nas aulas, estaria sujeito a perder o emprego. Tal indiferença, pode ser justificada pela compreensão da época de que o racismo contra os negros era um problema peculiar das sociedades anglófonas e inexistente na sociedade francesa. Os escritos de Fanon,

denunciavam a existência do racismo na sociedade francesa que, por outro lado, recusava-se a aceitar tal evidência (Fanon, 2008).

A aceitação e reconhecimento de suas obras, deram-se na medida em que os estudos pós-coloniais foram consolidando-se no meio acadêmico, principalmente, a partir da década de 1990. Existem quatro livros publicados sob sua autoria: *Os Condenados da Terra* (1961), escrito no leito de morte e publicado postumamente; *Pela Revolução Africana* (1964), antologia organizada por sua esposa Josie Fanon, também publicada após sua morte. Em vida, publicou *O Ano V da Revolução Argeliana* (1959) e *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) (Fanon, 2008).

Esta última obra, foco desta resenha, foi escrita para ser sua tese de doutorado em Psiquiatria, quando o autor tinha 25 anos. Na época, intitulada como *Ensaio sobre a Desalienação do Negro*, ao ser apresentada para a banca avaliadora, foi reprovada sob os argumentos de ser uma escrita apaixonada, sem objetividade e método. Em pouco tempo, apenas para concluir seu doutorado, Fanon escreveu outro texto de abordagem mais positivista, buscando bases físicas para os fenômenos psicológicos¹ (Fanon, 2008).

Somente três anos após defender o doutorado, o autor retoma seus escritos e publica a obra rejeitada com o novo título *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952). A análise dos impactos do racismo na subjetividade e na *psiquê* de pessoas negras é uma das principais reflexões que atravessam a obra citada. Importante perceber que o texto que a academia rejeitou por um tempo, tornou-se uma das mais importantes referências no campo do pensamento político e social, dos estudos culturais e filosóficos, do pensamento pós-colonial e da diáspora africana na contemporaneidade (Fanon, 2008).

Nesta resenha, objetiva-se analisar os principais pontos dos capítulos da obra: *Introdução*; *O negro e a linguagem*; *A mulher de cor e o branco* e *O homem de cor e a branca*, onde o autor trata do negro moderno e o desejo pela branquidão, ao analisar suas atitudes para inserir-se e ser aceito no mundo dos brancos. Para isso, os negros adotam estratégias - *as máscaras brancas*, onde nos capítulos selecionados serão percebidas no campo da linguagem e dos relacionamentos afetivo-sexuais (Fanon, 2008).

O negro e a linguagem

Mas também é um fato: alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito

(Fanon, 2008, p. 27).

Fanon empreende uma análise psicológica da desalienação do negro e define sua obra como um estudo clínico. Além dos aspectos individuais para a interpretação da *psiquê* das pessoas negras, considera também as realidades econômicas e sociais às quais estão submetidos os indivíduos. Já na *Introdução*, o autor evidencia a importância de situar seu trabalho na

¹ A tese defendida foi intitulada como *Transtornos mentais e síndromes psiquiátricas na degeneração heredo-espinocerebelar. Um caso de doença de Friedreich com delírio de posse* (Fanon, 2008, p. 13). Tradução livre.

temporalidade, afirma que pelo contrário do que muitos poderiam dizer que o seu pensamento é “a frente do seu tempo”, eles foram escritos no tempo certo, localizados no tempo presente da época em que o autor viveu e há uma preocupação em resolver os problemas de seu período (Fanon, 2008).

Além disso, sendo um antilhano de origem, Fanon escreve a partir da experiência do negro nas antilhas francesas, onde as observações e conclusões da obra só são válidas para o negro vivido nessa localidade, pelo menos nas partes em se faz necessário situar o negro em sua terra. Contudo, não ignora que os mesmos comportamentos possam ser percebidos em todo o *povo colonizado* no mundo² (Fanon, 2008).

Para introduzir o pensamento de Fanon, faz-se necessário entender, primeiramente, o que é ser um negro nascido e criado na Martinica. A Martinica foi e ainda é uma ilha colonizada e dominada pela França, sendo um território que ainda não conquistou sua independência. Assim, os nascidos nessa ilha são criados como franceses e para se sentirem legítimos franceses. Esse sentimento é incentivado desde que o martinicano inicia seu processo de escolarização, onde os professores vigiam para que as crianças não falem as línguas crioulas - o *patoá* e o *petit-nègre*³. Somado a isso, a família também fica à espreita, pois é permitido falar somente o francês “correto” da França, até mesmo nas relações da vida cotidiana (Fanon, 2008).

Nos escritos de Fanon, identifica-se uma experiência em comum entre os martinicanos: a mudança para a França. O autor relata que antes mesmo de embarcarem, cria-se em torno de si mesmo uma atmosfera francesa que chama de *enfeitiçamento à distância*. A religião do negro martinicano passa a ser a França. A partir do encantamento pelo francês, há um desaparecimento do seu Ser e a interiorização de um outro Ser, uma alteração de personalidade incentivada desde a infância e que será ainda mais reforçada com sua vivência na metrópole (Fanon, 2008).

Porém, o choque reside quando os martinicanos chegam na França, pois diferente do que lhes foram ensinados durante toda a vida, eles não são reconhecidos como franceses pelos franceses nascidos na metrópole. Para estes, os nascidos na Martinica não são franceses legítimos, são apenas martinicanos, o que gera uma relação de diferenciação hierárquica do ponto de vista dos franceses da metrópole para com os martinicanos, pois são eles os “verdadeiros” franceses (Fanon, 2008).

Tal constatação é percebida a partir da própria experiência e vivência de Fanon quando muda-se para a França. O estranhamento orienta a questão central que permeia sua obra: qual o critério para ser legitimamente francês? A resposta é, analiticamente, identificada: o critério é ser branco (Fanon, 2008).

Com o não reconhecimento da identidade francesa dos martinicanos, iniciam-se os esforços para inserir-se no mundo dos brancos. No capítulo *O negro e a linguagem*, o autor demonstra como a linguagem será uma máscara utilizada pelo negro no processo de tentativa de inclusão no mundo branco, uma vez que falar é existir para o outro (Fanon, 2008).

² Fanon (2008, p. 34) define como *povo colonizado* todos aqueles do qual em seu interior nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural imposto pelos processos coloniais.

³ Línguas híbridas, mistura do francês com várias línguas africanas (Fanon, 2008).

A linguagem para Fanon não refere-se somente a um instrumento de palavras soltas vazio de relações que serve apenas para a comunicação, mas é carregada de sentidos, sentimentos e de uma lógica de pensamento. Portanto, a língua é um meio pelo qual permeia os valores de uma cultura, sendo um instrumento cultural. Falar uma língua é assumir e se apropriar de uma cultura, de um modo de ser, pensar e existir no mundo (Fanon, 2008).

Dessa forma, através da linguagem está a promessa do reconhecimento pelo o Outro - o branco, por isso no dilema do negro martinicano não aceito pelos franceses brancos nascidos na França, o mesmo fará o esforço de aproximar-se do homem “verdadeiro” e embranquecerá na medida que adotar a língua francesa, abandonando as línguas crioulas (Fanon, 2008).

O negro passará a policiar-se nas palavras ditas buscando afastar-se dos estereótipos da língua crioula que o identifica enquanto um martinicano, fugindo dos seus dialetos e sotaques, como afirma o autor:

O negro, chegando na França, vai reagir contra o mito do martinicano que-come-os-RR. Ele vai se reconsiderar e entrar em conflito aberto com tal mito. Ou vai se dedicar não somente a rolar os RR, mas a urrá-los. Espionando as mínimas reações dos outros, escutando-se falar, desconfiando da língua, órgão infelizmente preguiçoso, vai se enclausurar no seu quarto e ler durante horas - perseverando em fazer-se dicção (Fanon, 2008, p. 36).

Nessa tentativa, a voz também será domesticada para imitar o sotaque metropolitano, para “falar como um branco”, tal como a ampla gesticulação corporal, será substituída por uma postura mais discreta, pois a linguagem acusa a origem do martinicano. Contudo, a promessa de reconhecimento não se cumpre quando vivenciada pelos negros, mesmo quando o idioma é dominado, resulta na ilegitimidade do reconhecimento como um genuíno francês⁴ (Fanon, 2008).

Isso é percebido quando o europeu, possuindo uma ideia e imagem definida do negro, em suas atitudes o enclausura no estigma racista do negro que só fala *petit-nègre*. Por isso, ao falarem com um negro, em geral, os brancos utilizarão a língua com uma forma de estigmatizar, primitivizar e aprisioná-los aos estereótipos racistas, nas palavras de Fanon “o branco, ao falar *petit-nègre* (com o negro), exprime esta ideia: *você aí, fique no seu lugar!*” (Fanon, 2008, p. 46), ou seja, não tente ser como um de *nós*, pois nunca será (Fanon, 2008).

O autor, posteriormente, mostra a ambivalência do negro que viveu na França e volta radicalmente transformado ao seu lugar de origem. Esse negro não se reconhece mais no seu território, volta desconhecendo e/ou evitando falar as línguas crioulas, ele responde somente em francês. Volta desconhecendo as vivências do seu lugar e com uma atitude crítica em relação aos seus compatriotas. Como teve contato com a vida parisiense, ele é o que sabe tudo, ele é mais evoluído, é quase um europeu, gerando um não reconhecimento por parte

⁴ Fanon comenta como em sua experiência na França encontrou outros estrangeiros, principalmente, oriundos da Europa, como os alemães ou russos, que falavam mal o francês. Diferente dos negros martinicanos, eles não eram estigmatizados, pois possuem civilização e cultura própria, afinal, são brancos. Diferente do negro “incivilizado”, que precisa se provar diante do mundo branco através da linguagem, por não possuir cultura, civilização e passado histórico (Fanon, 2008, p. 46).

dos seus. Agora esse negro estará numa zona de não-ser, uma zona de conflito onde nem os brancos da metrópole, o reconhecem e nem os de sua raça, o compreende mais (Fanon, 2008).

O negro e os relacionamentos afetivo-sexuais

O amor e o desejo por amar e ser amado atravessa as relações humanas. Há quem acredite que quando se ama alguém, o indivíduo está despido de juízos de valores. Há quem acredite que se ama simplesmente por amar, uma escolha subjetiva que não considera cor, credo ou quaisquer outros marcadores sociais. Há quem ignore as influências sociais que constroem o desejo pelo outro. Os esforços de Fanon é demonstrar como o desejo pode ser influenciado pelos valores inconscientes que permeiam determinada sociedade. Demonstraremos como os relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais também são máscaras utilizadas pelos negros para buscar pertencimento ao mundo branco (Fanon, 2008).

No segundo capítulo, o autor analisa as possíveis relações entre *A mulher de cor e o branco* e em que medida o amor autêntico continuará impossível enquanto houver o sentimento de inferioridade nas mulheres negras. Para isso, Fanon utiliza de maneira didática o romance intitulado *Je suis Martiniquaise* (1948) de Mayotte Capécia, mulher negra martinicana que, através de sua autobiografia, expressa um comportamento doentio (Fanon, 2008).

O autor recorre às aventuras infantis na vida de Mayotte, que quando criança não tinha problemas com sua negritude e, com o tempo, ao entender as dificuldades de ser uma mulher de cor, passou a buscar o embranquecimento em seu corpo e pensamento. Mayotte vai atrás de um pouco de brancura na sua vida através de relacionamentos amorosos com um branco. Nesse processo, reside uma problemática: pois qual homem branco, em plena consciência, quer se relacionar com uma preta? Quase nenhum. Mesmo assim, as mulheres negras aceitam correr o risco, pois há uma necessidade da brancura a qualquer preço (Fanon, 2008).

No romance, Mayotte ama um branco do qual aceita tudo, dele não exige e nem reclama nada. A mulher sonha em ocupar os altos escalões da burguesia martinicana. Porém, sua cor de pele é um empecilho. André, o homem branco que ela ama, andava no meio da burguesia antilhana, muitas vezes sem a companhia de Mayotte, pois era vergonhoso assumir uma mulher de cor socialmente. Uma vez, depois de muita insistência de Mayotte, ao levá-la em um dos encontros corriqueiros em bairros frequentados pela burguesia na Martinica, a mesma relata que era olhada com uma indulgência insuportável, que a fez achar que o problema era ela, a roupa que vestia ou maquiagem que usava, ocasião que a fez nunca mais pedir para acompanhar André nesses encontros (Fanon, 2008).

O que Mayotte não percebia era que o problema de não a tolerarem nesses círculos sociais era o fato dela ser uma mulher de cor, principalmente, ao lado de um homem branco, a alta sociedade atravessada pelo racismo não via essa relação como algo positivo, mas como um retrocesso (Fanon, 2008).

O desejo por brancura reflete também na construção de uma família. Nas Antilhas, são inúmeras as frases, provérbios e orientações de conduta que condicionam a escolha de um namorado/a “menos negro” com intuito de embranquecer a família. A mulher de cor casando com o branco, portanto, terá seus descendentes mais embranquecidos e será

preenchida pelo sentimento de estar salvando sua raça, livrando-os da maldição de ser negro (Fanon, 2008).

O autor, para melhor esplanar as complexas relações de inferioridade da mulher negra em razão do racismo, ainda recorre ao romance de Abdoulaye Sadjí chamado *Nini* (1947), que dialoga com as aventuras de Mayotte (Fanon, 2008). Fanon ao interpretar a obra, afirma:

Antes de mais nada temos a negra e a mulata. A primeira só tem uma perspectiva e uma preocupação: embranquecer. A segunda não somente quer embranquecer, mas evitar a regressão. Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está tentando salvar a raça (Fanon, 2008, p. 62-63).

Desse modo, o autor narra o caso de um homem negro apaixonado que se atreveu a oferecer seu amor para a personagem Nini, uma mulata⁵. Tal ocasião foi tida como tão absurda e audaciosa que Nini supôs levar o caso à justiça, pelo prejuízo moral que provocou a declaração de amor do homem negro. Nini rejeita qualquer possibilidade de casar-se com um de seus semelhantes, pois ela é considerada mais “evoluída”, ela é quem está mais perto do branco. É quase branca. Casar-se com o negro seria um retrocesso (Fanon, 2008).

Nesse contexto, expressa-se os processos de auto-ódio oriundos do racismo que reflete nos relacionamentos afetivo-sexuais, pois se pessoas negras não são vistas como bonitas e desejáveis socialmente, como conseguirão perceber em seus semelhantes uma possibilidade de relacionamento, já que são considerados igualmente feios e indesejáveis.

Em contraposição, o autor também narra um branco europeu declarando seu amor à mulata. Há algo de extraordinário e diferente da situação anterior, a notícia corre na cidade como uma benção, algo agradável. A mulata que, durante toda sua vida, desejou casar-se com um branco da Europa, agora foi aceita. Agora ela não é mais uma mulata, é branca. Saiu da casta dos escravos para a dos senhores. Foi aceita pelo mundo branco e irá penetrar e assimilar esse mundo com todas as forças (Fanon, 2008).

As mesmas relações estão para o *Homem de cor e a branca* (capítulo três): o desejo de ser branco e um pouco de brancura na vida a partir do relacionamento inter-racial. Fanon interpreta esse desejo na seguinte passagem:

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser *branco*. Não quero ser reconhecido como *negro*, e sim como *branco*. Ora - e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu - quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me o ilustre corredor que conduz à plenitude. Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio (Fanon, 2008, p. 69).

⁵ Embora a utilização do termo *mulata* para referir-se às pessoas miscigenadas tenha caído em desuso devido a carga estigmatizadora e pejorativa que carrega, na tradução do texto de Fanon o termo é amplamente utilizado. Por se tratar de uma resenha, nas partes descritivas da obra preservamos o termo na forma como foi escrito originalmente, ainda que não concordamos com sua utilização (Fanon, 2008, p. 63).

O preto martinicano que desembarca na França, como um ritual iniciático, tem como preocupação inicial dormir logo com uma branca, nem que precise buscá-las em casas de prostituição, nem que precise pagar para isso (Fanon, 2008). Nas possíveis relações entre o homem de cor e a branca, Fanon recorre novamente à literatura, no romance de René Maran, possivelmente autobiográfico, que acompanha a narrativa do personagem central chamado Jean Veneuse. Veneuse é um preto antilhano que há muito tempo mora em Bourdeaux-França, portanto é um europeu, pois muito já assimilou a cultura europeia, mas por ser negro eis o dilema: não é reconhecido pelos europeus (Fanon, 2008).

Fanon traça a personalidade de Veneuse: órfão, incapaz de interagir, vive em um internato e permanece lá durante todas suas férias, enquanto seus amigos saem em viagem por toda a França. Abandonado, o personagem vai recorrer aos livros, autores e pensamento europeu na tentativa de vencer no plano das ideias e do conhecimento, igualando-se ao nível da cultura europeia. Veneuse quer provar aos brancos que é um homem como eles, mas em seu complexo de inferioridade estará fazendo o contrário, pois está tentando provar a si mesmo que é inferior ao Outro (Fanon, 2008).

Por conseguinte, é narrado que Veneuse está apaixonado por Andréa Marielle, uma mulher branca, e quer pedir sua mão em casamento. As possibilidades desse relacionamento acontecer são quase inexistentes, mas há um diferencial em Veneuse que, por consumir a cultura europeia a partir de seus estudos eliminou tal impossibilidade, porque agora ele não é qualquer preto, mas sim, um preto estudado, que fugiu da sua selva. Agora era considerado “menos” preto (Fanon, 2008).

Nesse contexto, observa-se que o desejo é recíproco, Andréa Marielle também ama Veneuse, mas para que esse amor aconteça o negro precisa de autorização, é preciso que um branco permita esse relacionamento. O consentimento do branco é protegido por um pressuposto: “você não tem nada a ver com os verdadeiros pretos. Você não é negro, é ‘excessivamente’ moreno” (Fanon, 1952, p. 73), ou seja, negro de pele, mas branco de alma por ser uma pessoa negra letrada, fugiu da sua “selva”.

Nesse sentido, ao se relacionar com uma branca, o negro acredita ser uma vitória contra o racismo, o que faz se sentir igual aos brancos. A negritude desse homem estará reduzida apenas a sua aparência, porque de alma ele é mesmo um branco. Situação onde a maioria dos negros que vão estudar na França vivenciam. Eles não são mais negros, pois ser negro é ser “selvagem”, agora estão mais “evoluídos”, pois com os estudos assimilaram a cultura branca. Mas Veneuse sabe, internamente, que não é branco e que é atravessado por uma falsa legitimidade (Fanon, 2008).

Posteriormente, ainda na análise sobre a personalidade de Jean Veneuse, Fanon parece descentralizar o debate que vinha desenvolvendo ligado à questão racial e passa a analisar a partir de outra perspectiva: de um processo de abandono em sua primeira infância que o fez desenvolver um pretenso complexo de inferioridade (Fanon, 2008).

Por ter sido desde muito cedo levado para a França se tornando órfão em um internato, Veneuse se sente abandonado, por esta razão o personagem irá agir de forma a exteriorizar nos Outros a experiência vivida em sua infância. Por ter sido abandonado, fará o outro sofrer e, posteriormente, como resposta direta de revanche adota uma posição de defesa e abandonará também a pessoa amada. Jean Veneuse é um neurótico e apelar para sua cor é

apenas uma tentativa de explicar seu quadro psíquico. Um neurótico que precisa se libertar de seus abandonos infantis e todas suas ações é uma confirmação de sua neurose exteriorizada (Fanon, 2008).

Considerações finais

Que quer o homem?

Que quer o homem negro?

Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem.

Há uma zona de não-ser

(Fanon, 2008, p. 26)

Nos quatro capítulos analisados, Frantz Fanon demonstra como o desejo pela brancura expressa a interiorização do complexo de inferioridade do negro em relação ao branco, fruto das aventuras coloniais. As análises atravessam, sobretudo, uma perspectiva ontológica, onde na tentativa de ser reconhecido, o negro incorpora um outro Ser. Dessa forma, quanto mais o colonizado assimilar os valores culturais da metrópole, mais rapidamente escapará da sua “selva”. Ou seja, quanto mais rejeitar sua negritão, mais branco será (Fanon, 2008).

Para isso, o negro usará as *máscaras brancas*, metáfora utilizada pelo autor para explicar as posturas tomadas pelo negro moderno para incluir-se e ser aceito pela civilização branca, aqui percebidas através da linguagem e dos relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais (podem existir outras formas) (Fanon, 2008).

Mas, por que esse desejo do negro pela brancura? Na epígrafe que abre esta seção, mesmo expondo-se aos ressentimentos de seus irmãos de cor, Fanon afirma que o negro não é um homem. O autor não refere-se a um homem no sentido biológico, mas no sentido ontológico. Da mesma forma que ser considerado legitimamente francês é ser branco, ser considerado legitimamente humano também perpassa a branquitude. Portanto, o negro não é um homem, porque não tem humanidade, vive em uma zona de não-ser, pois em virtude das aventuras coloniais, foi desumanizado.

Por isso que, falar *petit-nègre* ou relacionar-se afetivamente com seu semelhante, fere a tentativa de ser humano e de existir plenamente. Assumir a linguagem na forma do colonizador e na busca das relações inter-raciais para tentar estar próximo do mundo branco e ser visto é uma estratégia de sobrevivência na tentativa de adquirir um pouco de humanidade e ser aceito socialmente.

Tais constatações podem ser facilmente percebidas no cotidiano. A exemplo da diferenciação social e hierárquica que se faz por meio da linguagem, a pessoa “cultu” é aquela que fala bem seu idioma e que é letrado, diferente daquele que não teve acesso a escolaridade e tem a recorrente presença de gírias em seu vocabulário, essas pessoas são estigmatizadas. Da mesma forma, as pessoas pretas que ascendem socialmente, em geral, buscam relacionar-se com brancos, como forma de legitimar seu lugar social, se relacionar com uma pessoa branca lhe dá status.

Na perspectiva de Fanon, tais atitudes são vistas como armadilhas. As *máscaras brancas*, portanto, podem ser compreendidas como estratégias de sobrevivência do negro na tentativa de assumir a condição de ser humano, de tornar-se sujeito. Trata-se da busca de pessoas negras em um mundo colonizado, mesmo que de maneira consciente ou inconsciente, de obter um sentimento de igualdade ao modo de existência igual ao do branco. Mas a barreira da pele impedirá isso, mesmo que o negro tente.

Referências

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE FRANTZ FANON - DEIVISON NKOSI (CYBERQUILOMBO). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVFWJPXscm0>. Acesso em: 10 de Outubro de 2025.